

HÁ RAZÕES PARA DISCORDAR DA RCC?

Na região que conheço e onde sou conhecido se diz que eu sou “contra” a Renovação Carismática Católica (RCC). Não que eu seja inimigo das pessoas envolvidas no Movimento, ao contrário, procuro acolhê-las com todo o respeito, valorizo suas qualidades pessoais e frequentemente tenho tentado, apesar de minha limitação na área da psicologia, ajudá-las a sair de seus problemas.

Um fato, porém, é verdadeiro, quando pedem minha autorização para realizar alguma atividade característica do Movimento ou introduzi-lo em área sob minha responsabilidade, respondo que, em consciência, não posso dar essa autorização. Insisto, eu estaria pecando se o fizesse. Nada mais digo, porque nada mais me é perguntado.

Mesmo que nunca tenham sido perguntadas, tentarei aqui expor minhas razões. Gostaria que alguém me convencesse do contrário com razões sérias e objetivas, não de mera conveniência ou oportunismo. Terei o maior prazer em ver minha posição corrigida, em especial se isso for feito por pessoas competentes nas áreas de psicologia e/ou parapsicologia.

1. Fenômenos antigos e variados

Da mesma origem, os Estados Unidos (1), e com os mesmos princípios básicos e características semelhantes à RCC, o Pentecostalismo protestante (Assembléia de Deus, Congregação Cristã etc.) chegou ao Brasil há quase cem anos. Será que não penetrou, com tanta facilidade, devido ao catolicismo arraigado do nosso povo e, em especial, à devoção a Nossa Senhora Aparecida?

Outros fenômenos ou manifestações desse tipo, ou seja, momentos de transe coletivo provocado pelo ritmo e outras emoções fortes, são conhecidos há muito tempo nos terreiros de Candomblé e de Umbanda, herdeiros de tradição imemorable trazida da África.

Nos primórdios da Igreja, com início provável pelo ano 156, tivemos o montanismo. Montano e as duas mulheres, Maximila e Priscila, agitaram o cristianismo nascente da Ásia Menor com a exaltação dos êxtases e revelações proféticas. Assim J. Danielou descreve o Montanismo, na clássica obra em 5 volumes, *Nova História da Igreja* (2ª ed., Vozes, 1973, Volume I, p. 118): “O montanismo é uma explosão de profetismo. Caracteriza-o em primeiro lugar a importância atribuída às visões e revelações. As mulheres desempenham neste ponto um papel eminente. O conteúdo das revelações é essencialmente escatológico. Os tempos do Paráclito tiveram início com Montano. A Jerusalém nova será inaugurada por um reinado de mil anos. É preciso viver na continência e preparar-se para tanto”. Mais adiante, diz que Priscila e Maximila fizeram revelações que não se realizaram.

Nas comunidades paulinas, especialmente na de Corinto (2), também ocorria esse fenômeno. Paulo parece ter convivido com isso, pois chega a dizer que falava em línguas mais que todos. Nos Capítulos 12, 13 e 14 da Primeira aos Coríntios ele aborda diretamente a questão.

Começa o capítulo 12 citando uma real ou possível afirmação que não se pode atribuir ao Espírito de Deus: “Maldito Jesus!” Haveria quem dissesse isso? No momento de transe ou fora dele? Seria fala inconseqüente de quem está fora de si ou, conscientemente,

seria a rejeição da figura de um Messias sofredor (Jesus) ou de qualquer tipo de Salvador coletivo para a humanidade? Na seqüência, Paulo evita repetir a palavra *pneumatikon* mais utilizada em Corinto e que expressava a exaltação pessoal do transe. Fala em carismas ou dons para serviço da comunidade.

No capítulo 13, como “caminho incomparavelmente superior” a todas aquelas manifestações que poderiam parecer a mais excelente experiência religiosa, Paulo apresenta o amor-solidariedade, o amor cristão, a *agápe* (3). Ao descrever e destacar as qualidades da *agápe*, parece insinuar que o amor cristão está isento dos vícios e defeitos inerentes àquelas manifestações de carismas. Ele diz que o amor cristão “não é invejoso, não é presunçoso nem se incha de orgulho, não faz nada de vergonhoso, não é interesseiro, não se encoleriza etc.”. Quanto ao que Paulo diz no capítulo 14, quando volta a falar dos dons do Espírito, será que hoje algum grupo de RCC consegue observar rigorosamente tudo o que ali está?

Antes de Paulo, porém, nos tempos do Primeiro Testamento, havia os profetas de Baal que cantavam, dançavam, rolavam pelo chão, rasgando as roupas e se machucando (4). Os profetas carismáticos de Javé, em Israel e Judá tinham as mesmas características. O Primeiro Livro dos Reis nos capítulos 18 e 22 traz dois episódios destinados a mostrar como é o verdadeiro profetismo. No capítulo 18 temos o conhecido desafio lançado por Elias aos profetas de Baal. Tocaram instrumentos, cantaram, dançaram, caíram ao chão, feriram-se, mas não foram capazes de trazer fogo do céu. Elias, sóbrio, com uma simples oração, trouxe o fogo do céu. No capítulo 22 os quatrocentos profetas de Javé, que viviam às custas de Acab, rei de Israel, tocam, cantam, dançam, entram ou fingem entrar em transe e dizem tudo o que o rei queria ouvir. O rei de Judá, Josafá, desconfia daquilo. A pedido seu, Miquéias de Jemla é trazido da prisão e, sóbrio, diz a verdade que Acab não queria ouvir.

2. Hipnose coletiva?

A meu ver, o que ocorre em todas essas manifestações é um fenômeno de transe hipnótico coletivo provocado pelo clima emocional, pela música, pela dança e especialmente pelo ritmo. No Candomblé, as diferentes reações das pessoas que entram em transe são atribuídas a diferentes entidades dos cultos afro-brasileiros. Na RCC sei de uma pessoa que se sentia possuída pelo demônio quando as outras se diziam tomadas pelo Espírito Santo. Como explicar que a mesma causa produza efeitos tão diferentes?

A hipnose é um estado em que os níveis inferiores da consciência (inconsciente e subconsciente) passam a comandar a pessoa. O que está lá no fundo, provocado, aflora nas diversas manifestações. Atribuir isso ao Espírito Santo ou reduzir a atuação da Terceira Pessoa da Trindade a ser a causadora dessas reações não é correto.

Os profissionais sérios e éticos, capazes de trabalhar com hipnose, só a utilizam em último caso, quando não há outro recurso, por causa do risco que isso envolve. E são profissionais competentes, lidando com uma pessoa apenas, portanto em condições ideais de manter o controle e evitar qualquer seqüela. Como poderia eu, então, permitir que pessoas que por qualquer motivo dependam de mim, possam ser submetidas a uma sessão de hipnose coletiva, sem controle, sem um profissional competente, num clima de exaltação totalmente irresponsável?

Se, entretanto, não temos o direito de afirmar que se trata de hipnose coletiva, não podemos negar que é uma explosão do emocional, a impedir qualquer raciocínio razoável, racional e lógico. Não me sinto capaz de ver nisso uma manifestação de Deus.

2.1. *Conseqüência 1: Curas e conversões*

Uma das grandes alavancas desse Movimento são as curas e, depois, as conversões que acontecem. Quanto às curas, há o perigo de levar a entender que fé é colocar Deus a meu serviço, não eu a serviço dele; que fé é acreditar que Deus tem poder para solucionar os meus problemas, mas não tem qualquer projeto para o mundo e a humanidade. Além disso, a exaltação das curas faz com que as pessoas deixem de buscar a solução natural, lógica e coerente para os seus males de saúde.

Curas podem acontecer — uma vez que estamos longe de desvendar completamente a força do psicológico sobre o físico, e ainda mais distantes de entender as influências que pessoas podem exercer sobre coisas, animais e outras pessoas através dos níveis mais profundos da consciência. A imposição das mãos, os pausinhos trançados ou cortados dos curadores, as orações das benzedadeiras ou outros gestos e ações rituais que acompanham os atos das curas são meios de levar a pessoa à concentração no objeto da cura, de modo que o inconsciente possa exercer mais eficazmente a sua influência. Não há porque dar aos fatos comprovados e inegáveis uma explicação que escape do natural. Evidentemente há muitos casos de uma sugestão momentânea que passa tão rápido como chegou. A força da sugestão já foi suficientemente estudada e costuma ser levada em conta?

Quanto às conversões — principalmente dos dependentes de álcool e de drogas que, motivados por esse Movimento, abandonaram com certa facilidade os antigos costumes — caberia um estudo mais sério, tendo como base estatísticas seguras e suficientemente amplas. Levanto uma hipótese: a relativa facilidade com que os dependentes “se libertam”, não aconteceria pela substituição daqueles momentos de euforia ou de “viagem” que lhes davam o álcool ou a droga, pelos momentos de euforia e sensação de bem estar que sentem ao participar no Movimento?

2.2. *Conseqüência 2: Fanatismo irracional*

Sempre gostei da comparação da lata cheia de água. Nossa consciência em seus três níveis (consciente, subconsciente e inconsciente) se parece com uma lata cheia de água. Mais à superfície está o consciente, no fundo o inconsciente e no meio o subconsciente. O que cai dentro da lata, freqüentemente, vai para o fundo. O que está mais ao fundo da lata é o que tem maior influência sobre nossas decisões. Normalmente há estabilidade e cada nível se mantém no seu lugar.

O clima religioso e emocional, o barulho, a música e seu ritmo provocam algo como se dessem um chute na lata e, então, os três níveis se misturam. Sobe, aflora, o que está no fundo da lata e, daí, as diferentes reações, porque cada um tem um fundo de lata diferente. O momento de águas revoltas é o mais oportuno para se incutirem idéias e pensamentos, que depois descerão para o fundo da lata. O que, nesse momento, foi incutido na mente das pessoas vai para os níveis mais profundos da consciência e, por isso, fica extremamente difícil de se modificar, pois se torna verdade irrefutável — só pode mudar mesmo após muito tempo ou outra hipnose.

Daí o fanatismo irracional, as idéias arraigadas que resistem a qualquer raciocínio e também a limitação que não admite outra hipótese nem é capaz de conviver com outro tipo de atividade ou preocupação pastoral. Não foi pela razão e sim pela emoção e, talvez, pela hipnose, que lhe incutiram aquelas idéias que nada têm de racionais e, portanto, não se ligam com outras. Além do mais, é extremamente agradável passar por aqueles momentos de vôo espiritual ou de “viagem” para fora do nível normal da consciência, para fora dessa realidade tão perversa e violenta. É tão bom flutuar! Isso também torna difícil afastar as

pessoas daquilo que provoca esses momentos de euforia tão bem justificados pela fé religiosa.

2.3. *Conseqüência 3: Incoerências*

A irracionalidade, conseqüência da exaltação das emoções, que chega ao ponto de desestabilizar os diversos níveis da consciência, leva também a incoerências práticas e teóricas que enumero.

a) *Incoerência 1: Espírito x moralismo farisaico*

A RCC fez crescer o espaço do Espírito Santo no horizonte de fé dos católicos. O Movimento se espelha fundamentalmente na visão do Espírito Santo que Lucas nos fornece, tanto no evangelho, quanto nos Atos dos Apóstolos.

Para o evangelho segundo João, a comunicação do Espírito Santo se dá, se não no momento mesmo da morte de Jesus (“inclinou a cabeça e comunicou o Espírito”), pelo menos na tarde do domingo da ressurreição: “Após soprar sobre eles, Jesus diz: Recebei o Espírito Santo”.

Já Lucas nos faz esperar o dia de Pentecostes, cinquenta dias depois da Páscoa. O autor do terceiro evangelho e dos Atos dos Apóstolos era discípulo de Paulo ou membro de uma comunidade paulina.

Convocando todas as nações do mundo para o grande acontecimento do dia de Pentecostes, Lucas quer fazer do momento a ocasião da abertura do cristianismo para o mundo inteiro. A fala dos humildes galileus, que cada qual entendia como se fosse a sua língua pátria, faz do momento o oposto da Torre de Babel. Lá o orgulho, a confusão e a dispersão, aqui a humildade, o entendimento e a união.

No dia de Pentecostes, cinquenta dias depois da Páscoa, os judeus celebram a Aliança do Sinai ou a doação da Lei. Pondo nessa festa a doação do Espírito Santo, Lucas quer dizer que o Espírito é a Nova Lei. A lei agora é o espírito e não mais a letra. Jeremias já tinha prometido uma Nova Aliança, uma Nova Lei escrita no interior de cada um, dispensando guias e mestres (Jr 31,33-34).

Paulo, fonte teológica de Lucas, fala da lei que é o Espírito, no início do capítulo 8 da epístola aos Romanos. No capítulo 7 havia comentado a luta interior do ser humano entre o pecado e a graça, a inércia da carne (5) e a força do Espírito e, no versículo 6, dissera que estamos no novo regime do Espírito e não no regime antiquado da letra. No início do capítulo 8 diz literalmente: “Já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus, pois a lei do Espírito que dá a vida no Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte”. Essa é a Nova Lei doada no dia de Pentecostes, a Nova Aliança escrita no interior de cada um. Dar-se a efusão do Espírito no dia de Pentecostes significa, portanto, que o Espírito Santo liberta da lei do pecado, da condenação e da morte.

A incoerência dá-se quando líderes desse Movimento querem transformar a vida cristã numa lista de pecados a serem evitados, apegados à letra e longe do Espírito. A lei que é o Espírito, escrita no interior das pessoas — força interior vinda de Deus —, é deixada distante. A fobia do pecado e as freqüentes ameaças de inferno, estão distantes da lei do Espírito. Embora se fale tanto no Espírito Santo, pode-se continuar prisioneiros da lei do pecado e da morte.

Para Paulo o Espírito dá liberdade, pois “onde há o Espírito de Jesus Cristo, aí há liberdade” (2Cor 3,17). O que se vê, ao contrário, é a tendência a fazer uma classificação

completa do que é e do que não é pecado, regulando e determinando tudo. Aí não há espaço para a liberdade, porque, certamente, não está presente o Espírito de Jesus Cristo.

b) Incoerência 2: Deus carrasco e demônio

A imagem que têm de Deus parece ser a de um vingador implacável, com sede de condenar a um castigo eterno quem cometeu um deslize momentâneo e resultado de uma série de condicionamentos. Prato cheio para isso é a tese de que não há matéria leve na ordem sexual. Daí os tabus e a atração do perigo, que enlouquecem as pessoas. Que Pai é esse que põe no ser humano uma tendência tão forte e fica à espreita do menor descuido para condenar a pessoa à eternidade do inferno?

Dentro do mesmo contexto, a insistência no demônio. Parece que se acredita mais na força do mal do que na força do bem, mais no inimigo, satanás, do que na nova Lei que é o Espírito de Cristo no interior das pessoas, há mais fé no diabo do que no Espírito Santo. O pavor do pecado e a idéia de uma força do mal, o demônio, superior ao ser humano e fora do nosso alcance, paralisam as pessoas ou as levam à loucura.

Como seria bom acreditar mesmo no Espírito Santo que fala pela boca dos humildes e todos entendem, que acaba com a vaidade e a confusão da Torre de Babel, que é a nova Lei, força interior vinda de Deus e que impulsiona para o bem, que é dinamismo, liberdade, crescimento, ação, criatividade, busca de um sonho e luta por um ideal.

c) Incoerência 3: Espírito x Fundamentalismo bíblico

Espírito, já para Paulo, se opõe à letra. Em João, Jesus diz: “As palavras que eu lhes disse são espírito e vida”. Os escritores dos primeiros séculos da Igreja, chamados de Santos Padres, exerciam o que chamavam de interpretação espiritual da Bíblia. Isso significava basicamente ver espírito e vida nas palavras da Bíblia, ler nas entrelinhas, destacar o sentido simbólico por oposição ao significado literal. O Evangelho de João, com total clareza para quem se dispõe a entender, mostra que as palavras do Evangelho e de Jesus não devem ser entendidas no sentido literal. Faz isso com grande sabedoria, levando um personagem a entender literalmente a palavra de Jesus e cair no ridículo. Esse, por exemplo, é o caso de Nicodemos que pergunta a Jesus se para “nascer de novo” será preciso ficar pequenino e entrar novamente no ventre da mãe. Há gente, no Movimento Carismático, que lê a Bíblia como Nicodemos.

O Papa João Paulo II fez publicar, em abril de 1993, um Documento da Pontifícia Comissão Bíblica sobre a interpretação da Bíblia na Igreja Católica. A interpretação literal — ou “ao pé da letra”, como se diz —, é totalmente descartada. A chamada abordagem fundamentalista, diz esse documento, “é perigosa, pois ela é atraente para as pessoas que procuram respostas bíblicas para seus problemas da vida”. É o que acontece com a pessoa que abre a Bíblia ao acaso para encontrar uma resposta. “Ela pode enganá-las — continua o documento — oferecendo-lhes interpretações piedosas, mas ilusórias”.

O fundamentalismo em geral foi muito bem definido por Ivo Pedro Oro, ao dar ao seu livro sobre o fundamentalismo o título de *O outro é o demônio* (Paulus). Os fundamentalistas pensam assim: nós somos os bons, os outros são maus, e o mal deve ser aniquilado. É muito mais fácil dividir tudo em dois lados, sem meios termos: de Deus ou do demônio, amigo ou inimigo, bem ou mal, verdade ou mentira.

O fundamentalismo bíblico faz a mesma coisa com a Palavra de Deus: não permite que Deus fale de maneira humana, com linguagem figurada, metafórica ou com duplo sentido como o fazemos no nosso dia-a-dia. Na RCC há muitos agindo dessa mesma

maneira com a Bíblia. Sintoma de que isso acontece é a insistência em determinadas traduções da Bíblia, excluindo outras. Há incapacidade de conviver com o diferente — característica do fundamentalismo. O tema é longo. Sugiro a quem queira entendê-lo melhor, e na prática, que leia com atenção algum capítulo de meu livro *A Bíblia e suas contradições* (Paulus).

d) Incoerência 4: Curandeiros x Curandeiros

A fé nas curas é uma das grandes forças desse Movimento. Acontece que os membros desse Movimento são contrários aos curandeiros populares, benzedeiros, “raizeiros” — ou pessoas que conhecem e trabalham com remédios de plantas —, mesmo quando não há qualquer ligação destes com o espiritismo. Há tendência em querer sempre ligar essas atividades ao espiritismo, considerando abandono da fé a busca de cura através de curandeiro. Ambos não estariam igualmente próximos do exercício ilegal da medicina?

d) Incoerência 5: Cristandade sem projeto pastoral

O ambiente mental da RCC parece ser o da cristandade, onde tudo deve ser governado pela Igreja, onde não há espaço para o pluralismo religioso nem há outro critério de valor, a não ser os valores do catolicismo mais tradicional.

Por outro lado, seu horizonte pastoral é estreito, não costuma ir muito além das propostas do Movimento como tal, e quando seus membros parecem se integrar em alguma pastoral como a da juventude, vêem aí a oportunidade de fazer proselitismo, ganhar mais gente para o Movimento. Quando se trata de alguma atividade pastoral que não oferece grande oportunidade de proselitismo, como a catequese infantil, o interesse diminui muito.

Seria revelador ainda perguntar-lhes da estrutura e funcionamento das Igrejas particulares e locais, da missão da Igreja como um todo, sua função no meio da humanidade, da Igreja sacramento para o mundo. A resposta pode ser encontrada observando quais são os assuntos mais freqüentes dentro do Movimento.

e) Incoerência 6: Lucas x Lucas

A RCC apóia-se na perspectiva elementar de Lucas (evangelho e Atos dos Apóstolos) sobre o Espírito Santo. Lucas é, sem dúvida, o evangelista do Espírito Santo e da insistência na oração. Quanto à insistência na oração, baste comparar o que Jesus diz em Lucas e em Mateus quando ensina o Pai-nosso: Em Mateus (Mt 6,7-8) Jesus diz que os pagãos ou gentios é que vivem repetindo orações, mas o Pai do Céu sabe do que a gente precisa; em Lucas (Lc11,5-13) Jesus manda insistir na oração até que Deus perca a paciência e atenda!

Quanto à presença do Espírito Santo no evangelho de Lucas, é suficiente observar se há alguma página que não tenha alguma referência ao Espírito Santo. Jesus é gerado pelo Espírito Santo e termina sua missão mandando os discípulos aguardarem a “força do alto”.

A incoerência que se pode notar é que, se esses dois aspectos de Lucas (insistência na oração e presença do Espírito Santo) são bem destacados, outros aspectos do mesmo evangelho ficam inteiramente na sombra. É o caso da misericórdia. O evangelho de Lucas é o evangelho do pecador, do publicano, da prostituta, da mulher adúltera (6), do samaritano, de Zaqueu, do ladrão arrependido, do Jesus que vivia em más companhias. A gatinha que não presta se aproxima dele para ouvi-lo e ele diz ter vindo para os pecadores, não para os justos. Tanta misericórdia não fica esquecida?

O evangelho de Lucas é também o evangelho da sensibilidade social, é o evangelho dos pobres, das mulheres, dos pequeninos e dos excluídos. É o evangelho do rico que se banqueteava e do pobre Lázaro que esperava inutilmente as migalhas, enquanto os cachorros vinham lambê-lo o sangue e aliviar as feridas. O evangelho de Lucas é o evangelho do homem sem nome, roubado, quase morto e caído à beira do caminho. É uma parábola, não um fato, Lucas (ou Jesus) a inventou. Como símbolo da insensibilidade social, colocou duas pessoas ligadas ao culto e à oração, o sacerdote e o levita, os que fingiram não ver. Mas, como modelo daquele que vê e socorre na medida de suas forças, colocou o samaritano, inimigo, estranho no lugar e de religião duvidosa. Há essa sensibilidade social na RCC?

3. Por fim, não em último lugar, a alienação

A palavra, no sentido de alheamento dos problemas sociais, caiu de moda. Nem se fala mais na ocorrência de a fé religiosa tornar-se um “ópio do povo”. Hoje, em vez de ópio, falar-se-ia em cocaína, crack ou, simplesmente, droga. E a droga está tão popularizada que caberia, talvez, “droga emocional”.

Se o vocabulário saiu de moda e não foi atualizado ou recriado, não existe mais o fato de a fé religiosa vir a servir como diversão? Diversão tem um sentido duplo, significa alguma coisa alegre, agradável, que enleva e, ao mesmo tempo, distrai, desvia, leva a esquecer ou omitir os problemas do cotidiano. Lembro uma pessoa de nossas comunidades que dizia certa vez, falando da dificuldade de muitos em participar dos grupos de reflexão: “O povo gosta de rezar, porque rezar não lembra os pecados e fazer reunião lembra!”. E os pecados que esse rezar está fazendo esquecer são os pecados sociais e o compromisso do cristão de participar na luta pela transformação do mundo.

Onde situar a RCC nesse aspecto?

Observa-se que há insistência no maravilhoso, que distrai do corriqueiro, que esvazia o cotidiano, que desvaloriza o dia-a-dia, que despreza o pequeno. Há insistência no extramundano (Deus e o diabo) que desvia o pensamento do mundo e seus contrastes, que dá explicações de fora do mundo para todos os problemas, também os psicológicos. Nota-se uma visão mágica, especialmente com relação aos sacramentos, que prendem Deus e o homem ao rito, impedindo uma comunicação livre e amigável entre os dois. Observa-se uma insistência no eu do indivíduo e da pessoa, que desvia, aliena, distrai do coletivo e do social, fazendo com que cada um espere uma miraculosa solução individual, idêntica às ofertas dos mercadores da fé das “Igrejas Eletrônicas”.

Com tanta insistência no pessoal, não só com relação aos problemas financeiros, afetivos ou de saúde, mas ao próprio aperfeiçoamento interior, podemos chegar a esquecer que o cristianismo é uma religião de salvação, traz uma proposta coletiva para a humanidade toda, tem como fundamento último a figura de um salvador, um messias (Cristo) — que morreu na cruz para mudar os rumos da humanidade (7). Se não interessa mais o Reino de Deus no mundo, então podemos tirar Jesus da cruz. Mesmo que se tente colocar o Espírito Santo no lugar dele, isso já não é mais cristianismo.

Isso tudo terá sido induzido pelos príncipes deste mundo para distrair a Igreja Latino-Americana da luta social fortalecida pela fé?

“Este é o seu mandamento: crer no nome do seu Filho Jesus Cristo, e amar-nos uns aos outros conforme o mandamento que ele nos deu” (1Jo 3,23).

1. Dêlcio Monteiro de Lima faz uma análise aguda da influência dos EUA na implantação do Pentecostalismo no Brasil em seu livro *Os demônios descem do Norte*, Ed. Francisco Alves.

2. Onde pode ter-se originado das festas de Dionísio, o deus grego do transe e da euforia e, portanto, da bebida (1Cor 12,2). As procissões de Dionísio, correspondente grego de Baco, eram cortejos de alucinados. A bebida era apenas um coadjuvante externo para a euforia.

3. Gênero e acentuação do grego.

4. Quando isso não acontecia por força do transe, eles mesmos se feriam e rasgavam as roupas para insinuar terem tido alguma revelação. O mesmo faziam os falsos profetas de Javé.

5. Jamais ele reduz a palavra carne à ordem sexual. Carne para Paulo é o ser humano frágil, inerte, com tendências más como vaidade, ganância etc.

6. O episódio, que se encontra no final do capítulo 7 e início do 8 em João, veio a cair aí por acaso e é tido pelos exegetas como totalmente característico de Lucas. A própria Liturgia o coloca na série de domingos do evangelho de Lucas (Ano C).

7. Pedro Augusto Ribeiro de Oliveira, com a competência que lhe é peculiar, mostra essa contraposição em “O catolicismo: das CEBs à Renovação Carismática”, *REB*, dezembro/1999, pp. 823 a 835.